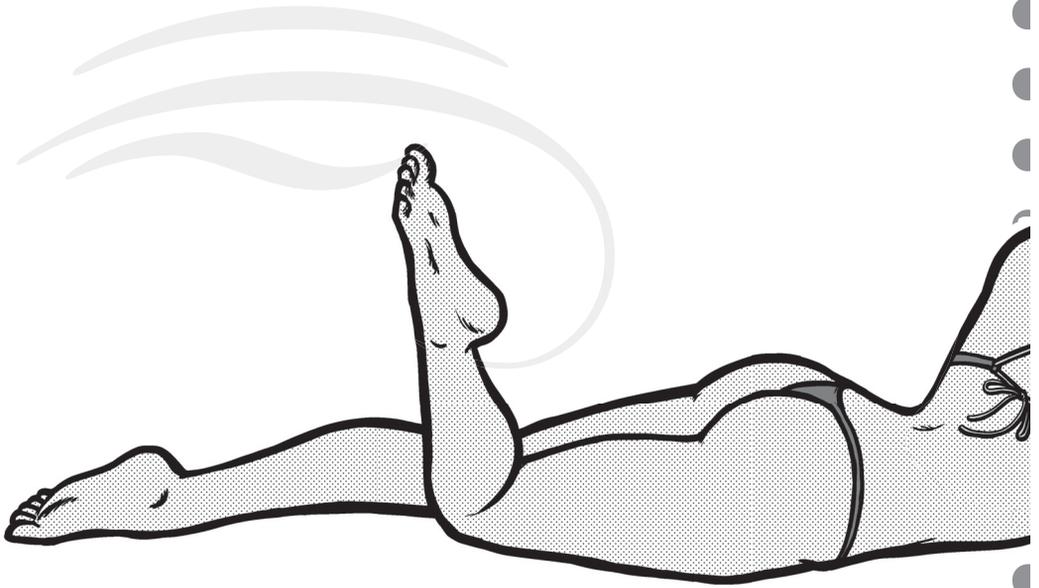


O LIVRO DE MARTA
(BILHETES DE AMOR QUEBRADO)



Catálogo na Fonte

Bibliotecária: Perpétua Socorro T. Guimarães

C.R.B. 3/ 801

M 298 1 Marques, Rodrigo
O Livro de Marta: (bilhetes de amor quebrado) .- Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

56 p.

Isbn: 978-85-7563-672-5

1. Literatura brasileira- Poemas
I. Título

CDD: 869.1



RODRIGO MARQUES
O LIVRO DE MARTA

(BILHETES DE AMOR QUEBRADO)



PRÊMIO
CAETANO
XIMENES ARAGÃO
POESIA



**EXPRESSÃO
GRÁFICA**

Fortaleza/2011

Copyright © 2011 by Rodrigo Marques

Projeto gráfico e capa:
Geraldo Jesuino

Editoração eletrônica e ilustração da capa:
Fernando Lima

Foto do autor:
Thiago A. M. Nascimento

Revisão:
Carlos Carvalho

EIS O LIVRO DE MARTA, CARO LEITOR. ACEITAS?

Em épocas de livros eletrônicos, nunca se publicou tanto no Brasil. Parece contraditório, uma vez que em cada cinco brasileiros, um é analfabeto funcional, constituindo 20,3% da população. Ou seja, com menos de quatro anos de estudo. Observadas as qualidades daquilo que se publica e daquilo que se lê; aí sim, o buraco é bem mais embaixo. Mas Rodrigo Marques é homem conhecedor do caminho das letras, sabendo trilhar como poucos os meandros não apenas da poesia, mas do romance, do cordel e do conto. Marques surge no universo da literatura brasileira a partir do lançamento de *Fazendinha* (2005). Muito bem recebido pela crítica especializada, *Fazendinha* se mostrou como um oásis em meio ao deserto das inutilidades “poéticas” publicadas aos borbotões. Novamente premiado em concurso literário, Rodrigo Marques traz agora a lume sua mais recente publicação: *O Livro de Marta* (bilhetes de amor quebrado).

Sem preocupação com quantidade, o pequeno grande livro de Rodrigo Marques contém uns trinta poemas dos bons. Todos eles tendo Marta como leitmotiv. Mas afinal, quem é Marta? Isso o autor não confessa nem sob tortura. E eis que encontra Marta em tudo quanto é situa-

ção, cores e tons. Descobrimos, assim, que a linha (ou seria a vida?) de Marta é afiada, passada em esmeril, tal qual a faca só lâmina de João Cabral de Melo Neto, a navegar pelos rústicos mares sem abismos, pois abissal já o é a própria Marta. E não importa se Pablo Neruda nada escreveu para Marta. Marta não dá a mínima para tudo isso. Ao contrário, se deleita com uma taça do melhor dos vinhos, enquanto seu vestido se esvai e seu cheiro escapa do corpo. Quanto ao eu lírico, este se banha e escorre pelo ralo, sem direito a uma segunda chance. E é uma pena que não consigamos ver o piercing de Marta brilhar na sua curva mais escura, embora o saibamos lá. Mas pelas palavras do poeta, quase sentimos seu gosto metalizado em nossas bocas e imaginamos Marta fazendo as unhas no salão mais caro. Mas afinal, quem é Marta? Uma passista de carnaval, um quadrúpede ou a mulher que bebe no bar ao lado do salão mais caro, enquanto a cada um de seus goles o chão afunda mais um pouco?

Ela é a Marta do poeta, como Aurélia e Lucíola o são de José. Como Beatrice o é de Dante, como Ofélia o é de Shakespeare, Heloísa de Abelardo, Isabeau de Navarre; assim como Isolda não é de Tristão, nem muito menos Guinevere de Lancelot. Marta é assim, essa incógnita, essa esfinge, esse enigma nada claro. Mas o livro não é de ninguém senão dela, que é citada pelo menos umas trinta vezes ao longo da obra, e é para ela que o livro é dedicado. Marta contém em si toda essa gama de desejos, insultos e tédios. Mas o tédio, diz-nos o poeta, já não é mais sinônimo de amor. Assim, só resta rasgar aqueles velhos trinta bilhetes escritos, mas jamais enviados à Marta. O mais im-

portante agora é continuar a escrever bilhetes outros, novos. Bilhetes não têm corpos, suor, porta ou aspas, advertendo o poeta. Bilhetes são apenas ritmos de letras, continua. Mas para que constituir provas contra si? A incapacidade de decifrar Marta pode ser fatal, pois nunca sabemos o outro lado da moldura. A diferença entre o que se esconde e o que se dá aos olhos. Assim sendo, corremos o ritmo, a estrada portátil, no mesmo espaço em que Marta prolonga o corpo ou liberta a lycra enrugada, travestindo-se em cada mulher da rua, dos sonhos, da academia, dos desejos (in)contidos, da praia, parada no semáforo ou a gemer na cama, a uivar na mata, enquanto seus olhos bombardeiam horizontes plenos de hesitação e desejo.

A chegada de *O Livro Marta* (bilhetes de amor quebrado) ao mercado editorial vem apenas reforçar o que a crítica já sabia a respeito da qualidade literária das obras de Rodrigo Marques. Preenhe de poesia da melhor qualidade e eivada de apurado rigor literário, o poeta oferece sua obra à análise e ao deleite daqueles que ainda não perderam a capacidade de sonhar e de se deixarem envolver por uma literatura de refinada espécie. A literatura, sabemos, não muda o mundo, mas muda as pessoas. E se o livro de Marta nada mudar no mundo, que fique a intenção provocadora do poeta de instigar a Marta que cada um de nós, homem ou mulher, mantém encalacrada nos mais recônditos escaninhos da nossa compleição humana.

Eis os bilhetes de amor quebrado, caro leitor, aceitas?

CARLOS CARVALHO

Mestre em Letras e professor na
Universidade Estadual do Ceará

PARA SER ENTREGUE
TROTE MOBILIZA POLÍCIA NO CENTRO
SHOPPING
SESSÃO 18:30H
LÂMINAS E PENTES
SONETO DO ÓDIO MORTAL
MAR RÚSTICO
PABLO NERUDA NADA FEZ PARA TI
POR OUTRO LADO
POR AÍ
BAR AO LADO
BALADA PIERCING
TRÊS DIAS
FAZENDO UNHAS NO SALÃO MAIS CARO
ESTAÇÃO BLITZ
SESSÃO 18:30H (REPRISE)
SEMÁFORO
NUVEM
TÉDIO
MULHER DE MAIÔ
ACADEMIA
LINHA
SONETO DO AMOR QUEBRADO
VERBETE
FOTOSENSOR E UM BILHETE
POEMAS TRADUZIDOS

Esta mulher que prometeu vir
Não é a mulher do meu desejo
É antes a mulher do meu tédio...

...

E ao partir, distraída e fatigada,
Escolherá um livro na estante
Perguntando: “Meu amor, vale a pena?”

Ribeiro Couto

o livro à Marta

O Livro de Marta

Caso esteja
contigo,
devolva-o
Amor ey!

O livro
contigo?
Ey!

Caso contigo
esteja,
Ah! Ey!

PARA SER ENTREGUE

“Marta, aceitas?”

(A porta aberta até um silêncio fechado)

Quando escrevo “Marta, aceitas?” nada digo da gota de frio, do desachar do corpo, do nome “Marta” rompendo à boca, do carro, do susto. E se digo “Marta”, antes de “aceitas”, é porque conheço o modo que ela amarra os cabelos, a voz, o perfil, é porque conheci Marta a tempo de interrogá-la.

A pergunta escrita desconhece isso. Embora se esforce com as aspas...

Não sei ao certo as vozes, por nascerem do lado de fora. Tanto que julgo ser de outra pessoa ou de um desaparecido quando ouço a minha gravada nas fitas. Mas imperdoável é o não poder escrever a voz: em qual sílaba falhou, se esperou realmente a vírgula ou se fugiu à escala das cordas.

Por tudo isso, acho melhor um bilhete: “Marta, aceitas?”. Um bilhete não tem corpo, suor, porta ou aspas. Ritmo apenas de letras. E Marta terá que adivinhar a minha angústia, o nome, o susto, e ela tentará a minha voz na sua, levantando o papel à altura do teto, e dançará no quarto tantas voltas, tantos maços de cigarro, que se abrirão à meia lua as portas da casa.

“Trote mobiliza polícia no centro”

Manchete de contracapa:

um telefonema: voz ocupada:

 som, ameaça e trote.

Uma testemunha no posto policial: o gesto, o copo

 [d’água e açúcar:

 solução molhado de trote.

Ou mesmo um código: na máquina:

T r o t e.

Ou mesmo um bilhete.

Ou mesmo um amor quebrado.

Ou mesmo um livro.

T r o t e.

SHOPPING

Corre o vidro pelos dois lados à minha presença.
Passo a uma papelaria.

“Papel de carta, por favor.”

“Qual a cor?”

“Qual a cor, moço?”

Que me interessa a cor do bilhete? Escrevo à mão e de azul. E não há erro num trabalho manual: defeito e ajuste ao alcance.

Que me importam as cores, se já vi Marta apenas de água e sabão,

Marta branca e nua e a alva toalha bebendo os pelos?

(Uma gota contorna Marta depois do rio e do chuveiro e se perde em Marta nas termas)

O azulejo em branco

e o branco no banheiro,

só Marta branca e nua

e um rastro negro no espelho.

“Qual a cor?”

“Qual a cor, moço?”

“Branca.”

Pago.

Passos à procura de saída.

Corre o vidro dois lados à ausência.

SESSÃO 18:30

Acrescento à meia entrada uma saída de mim. E sento
digno
na quarta fila. A tela estendida na luz.

o som corrido das cortinas
guardo
o fim da vida
(fecho os olhos)

me faço poltrona
guardo
soprarem as velas.

O sol retém para si e para sempre.



Escuto longe um outro sol a projetar um outro destino
outra chance outro barro macio
a cor mais cinza se faz Carlitos e o beijo mais longo
[se inicia.

Mas meus olhos
insistem no mundo apagado e choram.
Me desligo da poltrona, esfrego o sol dos sentidos
a tela : marca branca de biquíni.

LÂMINAS E PENTES

Centelham lâminas e pentes.
É possível que a lâmina oferte
um pouco de gume à linha de Marta
e a linha de Marta, passada em esmeril,
adquira tons afiados.

SONETO DO ÓDIO MORTAL

Me deparo, Amor, com o teu oposto.
Parece contigo e com o teu corpo:
O Ódio mais aceso e mais rápido.
Entende-se o Amor pelo avesso.

Ele me chegou outro pela escada
Abrindo portas, batendo gavetas,
Deixou nossas coisas às claras,
Pôs desnudo o Todo encoberto.

Poderia eu fazer poema mais casto
Falando do Amor pelo inverso?
Se jogaste em mim o cristal,

Foi por não encontrar outro objeto.
O Amor tem dessas coisas,
Quando não vai, manda seu verso.

MAR RÚSTICO

O mar que dorme no quarto,
o meu quarto de um dos milhões do mundo
que ninguém sabe quem é,

não vale a pena,
não espelha o céu.

É um mar sem abismo.

Por ele não marulham
naus

meu mar é muito pouco
para quem sabe nadar
no entanto é meu;
comprei-o na loja ao lado da tabacaria,
completo:

sem cais e por rimar.

Quem sabe, Marta,
uma lágrima mais salgada que Portugal?

PABLO NERUDA
NADA FEZ PARA TI

Não és Matilde
Não és o mar
Nenhum dos cem sonetos de amor fez-se para ti
Sequer uma barcarola pousou no céu...
E não és Matilde
E não és o mar

Contenta-te com este livro,
Contenta-te em eu não saber
Quem tu és

Por outro lado

Por aí

BAR

AO LADO

Examino a prisão vítrea que abafa o vinho.
[O rótulo nada diz das uvas:

“Tinto e seco”

Desenraízo a rolha.
O cheiro de vinho escapa.

Bebê-lo é raptá-lo do corpo de vidro,
[é mexer no molde das coisas.

(Os deuses olham de cima)

Penso em Marta tirando o vestido.
Alça e zíper.

O vestido se desmancha na cadeira, raptado do corpo.
O cheiro de Marta escapa.

(Os deuses olham de cima)

Despejo o vinho:
pouco me dizem os deuses e os rótulos
[se me precipito nos copos.

BALADA PIERCING

porque teu sexo atrai,
nascem estrelas,
alfinetes
na curva escura

sim, teu sexo
de gosto
atrai

nébulas, quasares, pulsares,
meu corpo

e quando estrelas
no teu centro
fica certo o jogo

colhe a língua
o gosto metal
dos doces

TRÊS DIAS

Armado nos cabides, o corpo do passista:
pernas, braços,
suspensório de circo,
uma gravata de samba, outra camisa.

Visto às pressas o passista, e ele sai avenida:
desce à rua, ao bloco perdido,
assina meu nome em cheques e vistos
por pura travessura, por puro carnaval,
e ri dele a jardineira triste,
e o frevo e o laço de fita
e r i m a i s o c a r n a v a l

Tão real é o meu passista que o ano se encolhe
fevereiro os doze meses seguidos.

À noi-
te, quando chega em casa,

eu dispo seu corpo e o penduro nos cabides.

FAZENDO UNHAS NO SALÃO MAIS CARO

Para que fazer unhas no salão mais caro
Se arranhas em mim os pesares,
as tardes, as frases,
Se deixas em mim um cheiro falso de esmalte?

ESTAÇÃO BLITZ

“Identificação, por favor.” – diz o pássaro

Nada posso negar ao pássaro que cisma na terra

(Entrego-lhe os documentos)

o pássaro coça o bico e se afasta às placas

talvez ele identifique a pessoa que vejo no espelho, em
sua leitura de placas e plásticos

aí finalmente direi à Marta quem sou

basta que o pássaro
/espírito santo?/

me devolva a papelada dizendo: “Sim, é o senhor o cidadão descrito na carta de motorista, é o senhor o proprietário do carro. Sim, é o senhor o cidadão da foto, sim, sim é o senhor...”

Nada posso negar ao pássaro que cisma na terra
Ele me devolve silêncio e apito num papel de carta

SESSÃO 18:30 (REPRISE)

Fosse possível correr o filme
Ao contrário do que iniciara
Seria o happy-end o princípio
E o lado em que o fim retarda.

É preciso, pois, um cuidado
Com os fios que fiam os quadros,
Este cinema decerto é marinho
E a barca, uma antiga farsa...

Clara está em mim a tela branca:
A marca branca de biquíni de praia.
Cria mesmo, os olhos me bastam

No negativo baço de Marta.
Alguém na poltrona disfarça:
“Quando chegará atrasada?”

SEMÁFORO

Bem não vermelha, despasso.

E guardo no carro
a combustão que uso,
e tudo,

ou que me siga ou que me pare,

é em mim desuso.

Olho Marta num prédio
desfolhando roupas.

(há um uso nos meus olhos furtados)

É ela, é ela,
a estender coisas úteis.

É ela, é ela, apanhando as dúvidas
na máquina de rodar os sujos:

- Qual a veste de melhor shopping?
- O vermelho ou o verde nódoa?

(a palavra verde pulsa)

O semáforo abre a porta e o solo a meu passo útil.

NUVEM

a nuvem que antes
beijava

os lábios
a chuva
a lavoura irrigada

Estou pensando em ti...
Pensar é estar sozinho

Dante Milano

MULHER DE MAIÔ

(O azul mais que o costume de céu
e um barco em contraponto na tela.)

Na praia, à espera, a mulher de maiô.

E há areia no decote
e na borda, a acompanhar as coxas e os passos,
[há suor e mar.

E passam mil que não sei o nome:
homens e mulheres sem nome.

E a mulher de maiô, que se chama Marta,
[que se agacha ainda mais carne
[quando cava a praia

não me vê
pois nunca sabe o outro lado.

Mas vejo o corpo além:
a linha que divide curva;
o cabelo no contradiz de vento;
o seio de marcar malha e disco róseo;

e vejo escapar a mais pelo maiô

a chama que escoa.

ACADEMIA

Fora do ar, a paisagem chuviscada,
enquanto corro na esteira os meus passos.

O caminho quando máquina é mais fácil:
não se afasta, não adia o necessário,
imprime passo a passo
seu ritmo de fábrica.

E corro o ritmo, a estrada portátil, no mesmo
[espaço em que
Marta prolonga o corpo ou liberta a lycra enrugada,

no mesmo espaço em que Marta
desconserta as máquinas com um tal ritmo
de fêmea cansada.

Corro meus passos sem fuga.

L I N H A

À contra-mão de mim,
o ônibus passa,

e se atrás,
viaja o corpo de Marta,

e se ainda, nesse corpo,
viaja encarnado uma parte minha,
uma perna, um braço, uma mão,

escuto,

longe,

a cidade estacionar-se.

SONETO
DO AMOR QUEBRADO

à Marta

Sem esvaziar a estrutura,
Sem escapar a linha-curva,
Agachas inteira a carne
Num biquíni quase marca.

Vejo-te aí contendo a fruta,
Assim e tanto, corpo e parte,
O pomo agachado que bifurcas,
Que meus olhos escondem a cidade.

E de te olhar sozinho, à parte,
Sou-te muito o amor mais fácil:
Que não fixa e que não passa,

Que se acende e que não arde,
Posto carne quando agachas,
Posto inteiro quando partes.

VERBETE

Apenas um quadrúpede, mamífero,
Mas quando quadrúpede,
chupando o dedo,
os olhos no horizonte,
nem olha de lado,
com saudades e uivos da mata.

Se o verdadeiro amor pode ser falso
e o falso ser o verdadeiro amor,
isto faz crer que todo amor é falso

ou crer que é verdadeiro todo amor.

Dante Milano

fotossensor E UM BILHETE

e juntos ainda mais
nos estreitamos
meus dedos
riscaram-te
atrás, no carro

meus dedos de preparar chuva
e a nuvem a embaçar os vidros

[fotografia]

onze e meia.
mão dupla.

infração:
chuva entre os dedos
a escorrer asfalto.

multa:
descartáveis bilhetes.

Marta, aceitas?

POEMAS TRADUZIDOS
POR SILVIA LÓPEZ

PARA SER ENTREGADO

“¿Marta, aceptás?”

(La puerta abierta hasta um silencio cerrado)

Cuando escribo “¿Marta, aceptás?” nada digo de La gota de frio, del desencontrar del cuerpo, del nombre “Marta” rompiendo la boca, del auto, del susto. Y si digo “Marta” antes del “aceptás”, es porque conozco El modo em que Ella se ata los cabellos, la voz, el perfil; es porque conocí a Marta a tiempo de interrogarla.

La pregunta escrita desconoce eso. Por más que se esfuerce com comillas assustadas, una coma separando angustia y anzuelo sin lazo.

No reconozco las vocês, por nascer em El lado de afuera. Tanto que lãs juzgo ser de outra persona o de un desaparecido cuando escucho La mia grabada em La cinta. Pero imperdonable es El no poder escribir la voz: em cuál sílaba falló, se esperó realmente la coma o huyó la escala de cuerdas.

Por todo eso, creo que es mejor uma nota: “¿Marta, aceptás?”. una nota no tiene cuerpo, sudor, puerta o comillas. Ritmo sólo de letras. Y Marta tendrá que adivinar mi angustia, el nombre, el susto, y ella intentará mi voz em la suya, levantando el papel a la altura del techo, y danzará em El cuarto tantas vueltas, tantos paquetes de cigarrillos, que se abrirán a media luna lãs puertas de la casa.

ESTACIÓN BLITZ

“Identificación, por favor”. Dice El pájaro

Nada puedo negarle AL pájaro que medita em la tierra. Pues El suelo, El suelo donde vivo siempre necesita de vuelo y canto. (Le entrego los documentos)

el pájaro se rasca el pico y se aleja hacia las placas.

Tal vez él identifique a la persona que veo em el espejo, em su lectura de placas y plásticos.

Ahí, entonces finalmente le diré a Marta quién soy:
/basta que el pájaro/
espíritu santo?

me devuelva los papeles diciendo: “si, usted es el ciudadano/ descripto em la licencia de conductor, usted es el propietario del/ auto. Sí, usted es el ciudadano de la foto, sí, sí, es usted...”

Nada Le puedo negar al pájaro que medita em la tierra. Sin embargo, él me devuelve apenas silencio y pito em um papel de carta.

SONETO DE AMOR ROTO

Sin vaciar la estructura,
sin escapar la línea-curva,
agachas entera la carne
en una biquíni casi sombra.

Te veo ahí conteniendo la fruta,
así y tanto, cuerpo y parte,
la pulpa agachada que bifurcas,
que mis ojos esconden la ciudad.

Y de mirarte solo, a un lado,
soy tu amor más fácil:
que no se fija y que no pasa,

que se enciende y que no arde,
hecho carne cuando te agachas,
hecho entero cuando partes.

TÉDIO 702

L'ennui n'est plus mon amour

Hoy, siento que el tédio no es más mi amor.
Si, el tédio del séptimo piso:
el ascensor transpotandóme del suelo para el
[observatório de la ciudad.
La llave escondiendo la entrada em la alfombra.

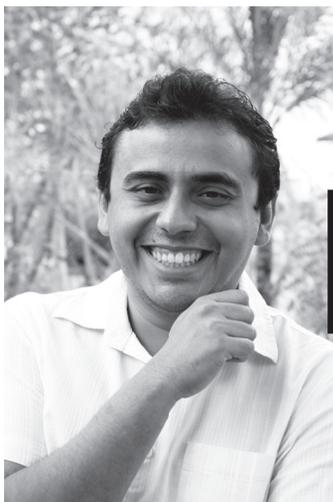
Enciendo las luces.

(Alguien vê mi ventana existir
y no desconfia de la risa, de lãs mentiras
[y de lãs cenizas
ragadas
de la música que rebalsa
de la pia, del billete premiado y perdido)

El baño
me
escurre
por el ralo

adiós Marta y treinta notas rasgadas
adiós ciudad de noche
vacino del tédio y construcción
amigo que vio la ventana existir
adiós.
nos vemos
mañana

:rebobinados:



RODRIGO MARQUES

nasceu em Fortaleza, em abril de 1980. Professor de Literatura em Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Ceará, reside atualmente no Sertão Central cearense, na cidade de Quixadá. Publicou *Fazendinha* (Cavalo Marinho: 2005).
edcururu@gmail.com



Esta obra foi composta com as fontes Minion, e impresso em 01 cor sobre papel Pólen soft 80 gr/m2 LD (miolo) e cartão supremo 250 gr/m2 (capa), nas oficinas da Expressão Gráfica e Editora, em Fortaleza - CE, no mês de janeiro de 2011.

